

Editorial

Este número possui foco especial relacionado com a Etnomatemática, número fortemente marcado pela presença de professores da escola básica e suas produções em diversos níveis, destacamos que existem grupos que se dedicam à esta temática e a presença da produção dos professores há muito o Grupo de Estudos em Educação Matemática (GEEM) vem incentivando a divulgação da produção de tais professores. Nesta oportunidade contamos com a colaboração de duas professoras que trabalham com o Programa Etnomatemática, Olenêva Sanches Sousa (Sec-Bahia) e Maria Aparecida da Silva Damin (Sec-SP), para as quais agradecemos sinceramente a confiança e colaboração.

Assim, nos dois primeiros trabalhos, “A Etnomatemática que vibra nos bebês” de autoria de Milena Canto Sae e Thaís Essington Brown e “Etnomatemática e infâncias brincantes” de Érica Helena de Proença Alexandrini, propõem uma discussão de aspectos importantíssimos da utilização/aplicação da Etnomatemática com crianças pequenas.

No texto de Olenêva Sanches Sousa, “Com a prática, Etno+Matema+Tica” é apresentado uma discussão com ponderações de docente-discentes fundamentada em práticas diversificadas, que, segundo a autora, podem ser desenvolvidas em diversos âmbitos da educação, onde a mesma se vale de um diálogo entre a prática pedagógica da Educação Básica e a teoria d'ambrosiana.

“Etnomatemática e Experimentação: Prática Pedagógica com Professores da Educação Infantil e Anos Iniciais” de autoria de Maria Aparecida da Silva Damin, reflete a respeito do curso realizado ao longo de quatro anos, 2011, 2012, 2013 e 2014 na rede municipal de Campinas/SP, com foco na Etnomatemática prática pedagógica, para professores desta rede pública.

Adailton Alves da Silva apresenta o artigo intitulado “Educação Indígena: Espaço de vivências e convivências compartilhadas” que apresenta a amplitude do processo socioeducativo de três povos indígenas os Apyãwa/Tapirapé, os Myky e os A'uwẽ/Xavante e os aportes da Etnomatemática ao longo de dezessete anos de convivência.

O texto de Línlya Sachs intitulado “Matemática é Matemática, ou tem Matemática do Campo?”, problematiza a questão em torno do conhecimento matemático e a especificidade na educação do campo segundo os pressupostos teóricos da Etnomatemática e também as ideias presentes no Modelo dos Campos Semânticos.

No artigo intitulado “Simbiose entre Etnomatemática e a cultura Africana-Jogo MancalaAwelé em sala de aula”, as autoras Eliane Costa Santos e Maria da Conceição dos Santos França, discutem a interessante experiência interdisciplinar realizada com o

desenvolvimento fundamentado no jogo milenar africano Mancala, ação de característica interdisciplinar em sala de aula, vivenciada por uma professora do Ensino Fundamental.

Também fundamentado nas ideias da Etnomatemática, Nuno Vieira apresenta o texto intitulado “O conhecimento trivium nos processos de ensino-aprendizagem” desenvolvido através das entrevistas de professores do ensino secundário, em Portugal, foi analisado o seu conhecimento trivium, no sentido de perceber as implicações do mesmo na prática docente: os professores que revelam estar atentos ao que os alunos dizem, que analisam a informação e implementam estratégias que consideram consentâneas.

Para finalizar estenúmero, apresentamos o texto intitulado “Economia Solidária, Etnomatemática e Andragogia no contexto de um Banco Comunitário” de Renata Cristina GeromelMeneghetti e Douglas Felipe Giaquinto, onde as autoras analisam o contexto de um Banco Comunitário (BC) caracterizado como um Empreendimento Econômico Solidário (EES), onde se observa o aprendizado de matemática contextualizado.

Agradecemos a todos os colaboradores que contribuem para perspectiva ímpar que a revista continua a propagar!

Vitória da Conquista, 2017

Olenêva Sanches Sousa (Sec-Bahia)

Maria Aparecida da Silva Damin (Sec-SP)

Irani Parolin Sant’Ana (GEEM/UESB)

Claudinei de Camargo Sant’Ana (GEEM/UESB)